

Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: o político na charge/ *From the History Fact to the Discursive Fact: The Politician in the Charge*

Roberto Leiser Baronas*
Gisele Freitas de Aguiar**

RESUMO

Neste texto, apoiados em Pêcheux (1997), Chabrol (2008) e Possenti (2009), procuramos mostrar que as charges impressas mantêm com os acontecimentos históricos, que dão a circular em forma de acontecimentos discursivos humorísticos, não apenas uma relação argumentativa ou dialógica, como propõe quase a totalidade dos trabalhos que se debruçam sobre esse objeto, mas, sobretudo, uma relação interdiscursiva e que esta interdiscursividade se dá no nível da interdiscursividade cultural, se constituindo em mais um dos dispositivos que regem os múltiplos planos discursivos que constituem os textos chárgicos.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; humor; interdiscurso e acontecimento discursivo

ABSTRACT

In this paper, supported by Pêcheux (1997), Chabrol (2008) and Possenti (2009), we seek show that printed cartoons have with the historical events, that circulate in the form of humorous discursive fact, not just an argumentative relationship or dialogical, as proposed by almost all the works that concentrate on this object, but, above all, a interdiscursive relationship, and this interdiscursivity occurs at the level of cultural interdiscursivity, constituting itself in one more of the arrangements that conduct the multiple discursive plans that constitute textual cartoons.

KEY-WORDS: *Discourse; Humor; Interdiscourse and Discursive fact*

* Professor da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/ CNPq; baronas@ufscar.br

Este artigo faz parte das reflexões desenvolvidas no projeto de pesquisa Apontamentos para uma história de campanhas políticas presidenciais brasileiras (1998-2006): uma análise discursiva de textos multimodais/CNPq, conforme descrição no LATTES.

** Mestre pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

*Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de.
Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar.
Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio
apesar de que nos empurra para a frente.*

Clarice Lispector

PRIMEIRAS PALAVRAS

Por que um artigo sobre análise discursiva de charges? Em que medida analisar o funcionamento discursivo de charges poderia nos levar a recorrer a categorias centrais da análise do discurso, fazendo-as ranger? A charge interessa-nos pela relação de sentidos que estabelece entre o acontecimento histórico e o acontecimento discursivo dado a circular. Relação essa que foi bastante trabalhada no domínio da Análise do Discurso de orientação francesa, sobretudo, por Michel Pêcheux a partir dos anos oitenta na França, tomando como objeto de análise o discurso político. Questionando-nos sobre a possibilidade de um tratamento discursivo das charges, frente às abordagens pragmáticas e discursivas dialógicas, principalmente, acreditamos ser possível colocar em prática um dos ensinamentos de Pêcheux, tal como foi lembrado por Denise Maldidier: o discurso não é qualquer coisa de empírico da qual se deveria fazer análise, mas é “um lugar teórico onde se encontram intrincadas, literalmente, todas as questões sobre a língua, a história e o sujeito” (2003, p. 15). Neste texto, apoiados em Pêcheux (1997), Chabrol (2008) e Possenti (2009), procuramos mostrar que as charges impressas mantêm com os acontecimentos históricos, que dão a circular em forma de acontecimentos discursivos humorísticos, não apenas uma relação argumentativa ou dialógica, como propõe quase a totalidade dos trabalhos que se debruçam sobre esse objeto¹, mas, sobretudo, uma relação interdiscursiva e que esta interdiscursividade se dá no nível da interdiscursividade cultural², se constituindo em mais um dos dispo-

1 – Uma representação metonímica desse tipo de abordagem é o ótimo trabalho de Romualdo (2000).

2 – Tomamos de empréstimo este conceito do trabalho de Claude Chabrol (2008). Ancorado no domínio da pragmática, ao refletir sobre a relação do humor com os

sitivos que regem os múltiplos planos discursivos que constituem os textos chárgicos.

1. SOBRE O ACONTECIMENTO DISCURSIVO EM PÊCHEUX

Michel Pêcheux em *Discurso: Estrutura ou Acontecimento* (1997) nos chama a atenção para a possibilidade de se conceber o discurso não apenas como uma materialidade, que une um significante e um significado, tal qual pensara o Ferdinand de Saussure do Curso de Linguística Geral – CLG, mas principalmente como uma materialidade significativa inoculada de historicidade. Todavia, essa materialidade histórico-linguística proposta por Pêcheux é distinta daquela concebida pelos sociólogos, pois para estes pensadores as palavras são habitadas pela história, isto é, as palavras, na sua concepção, são instrumentos que veiculam valores ideológicos. Trata-se então do ponto de vista pecheutiano de pensar por um lado o discurso como uma materialidade igualmente constituída por uma estrutura e por um acontecimento e, por outro, que esse *estruturamento*³ discursivo se dá sempre não na estabilidade da veiculação de valores ideológicos, mas, principalmente, na instabilidade produzida pela tensão, pelo conflito, pelo contínuo atravessamento de/entre esses valores.

O filósofo francês exemplifica esse caráter constitutivamente dual e tensivo do discurso com base na análise do funcionamento discursivo do enunciado “On a gagné” [Ganhamos], repetido insistentemente na Praça da Bastilha em Paris em 10 de maio de 1981, após a vitória da esquerda francesa com François Mitterrand, nas eleições presidenciais francesas daquele ano:

A materialidade discursiva desse enunciado coletivo é absolutamente particular: ela não tem nem o conteúdo nem a forma, nem a estrutura enunciativa de uma palavra de ordem de uma manifestação ou de um comício político. On

interdiscursos culturais, o autor não faz referência às charges, mas a todos os tipos de atos humorísticos que tomam os atores políticos como alvo.

3 – Palavra-valise, formada a partir da junção do radical do elemento estrutura e do seu sufixo para pensar a natureza constitutivamente dual e tensiva do discurso.

a gagné [Ganhamos], cantado com um ritmo de uma melodia determinados (on-a-gagné/dó-dó-dó-sol-dó) constitui a retomada direta no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar. Este grito marca o momento em que a participação passiva do espectador-torcedor se converte em atividade coletiva gestual e vocal, materializando a festa da vitória da equipe, tanto mais intensamente quanto ela era mais improvável (Pêcheux, 1997, p. 21).

Essa retomada do enunciado “On a gagné” no espaço do acontecimento político, todavia, diferentemente do espaço esportivo, sobredetermina o acontecimento, levando-o à equivocidade, à possibilidade de o sentido ser outro, isto é, se no espaço esportivo, perguntas do tipo “quem ganhou na verdade”, por conta mesmo da estabilidade lógica do enunciado, seria absurda, no campo político, entretanto, dada a não estabilidade lógica dos enunciados que o constituem, esse tipo de questionamento seria bastante pertinente. Isso implica dizer que para Pêcheux no domínio do político o enunciado em questão, no momento mesmo da sua retomada, “não funciona como uma proposição estabilizada” passível de uma resposta unívoca: X significa X e não Y. De acordo com Michel Pêcheux, no campo político, o enunciado “On a gagné”, pode ser traduzido pela equação “X diz X que pode significar a partir de diferentes formações discursivas Y, Z, W”, por exemplo. Deve-se levar em consideração, no entanto, que o campo político ao ser trabalhado pela mídia é encaminhado na direção da negação do equívoco, ou seja, a mídia ao dar a circular este enunciado como se fosse logicamente estabilizado, gerencia, nega a possibilidade de os sentidos serem outros:

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois linguisticamente descritível como uma série léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva passíveis, oferecendo lugar a interpretação (Pêcheux 1997, p. 53).

Para Pêcheux, a partir do exemplo do acontecimento do dia 10 de maio de 1981, de refletir sobre o estatuto das discursividades que

trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é X ou Y, etc.) e formulações irremediavelmente equívocas (é sim e não ao mesmo tempo, é X e Y e Z e W, ao mesmo tempo, etc.).

A proposta de Pêcheux, no entanto, foi pensada para dar conta do discurso político verbal e sério do contexto francês dos anos setenta e oitenta. Seria possível pensar essa categoria de acontecimento tomando como objeto de análise o discurso político humorístico veiculado em charges brasileiras dos anos 2000? Em que medida a partir do funcionamento discursivo interno do discurso chágico, a mídia atuaria na formação de um roteiro que produz um direcionamento da interpretação? E mais ainda, em que medida os postulados pecheutianos sobre a noção de acontecimento seriam válidos para o texto humorístico chágico, uma vez que se trata de um enunciado que geralmente se constitui numa dupla perspectiva enunciativa: “X prefere dizer Y (humoristicamente) porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (seriamente) Z”. Dizendo de outro modo, o texto chágico se constitui justamente na tensão dos enunciados logicamente estabilizados *versus* os enunciados não logicamente estabilizados, quer sejam verbais ou visuais. Ou seja, é da sua natureza essa tensão entre plurivocidade *versus* univocidade de sentidos. Tentaremos responder a essas questões a partir da análise da charge abaixo. Essa charge foi publicada na *Folha de S. Paulo*, em 04 de abril de 2006.



A charge de Angeli, cujo título é “PACTO COM O MERCADO”, dá em narrativa um suposto encontro entre Lula, Alckmin e o Demônio. Alguns índices, sobretudo icônicos, presentes no cenário dado a circular e, que são constitutivos de um saber discursivo social acerca do que na nossa sociedade judaico-cristã seria o inferno, evidenciam tal leitura. Por exemplo, o fogo, que está presente em alguns pontos do local e ao redor da figura de uma pessoa gigantesca com um rabo e chifres, sentada em um trono. A figura gigantesca está apresentada em primeiro plano, enquanto que Alckmin e Lula aparecem caricaturizados em tamanho pequeno e em segundo plano. Do lugar do leitor do jornal, é como se este leitor estivesse atrás do “demônio”, vendo a sua frente as costas do demônio e um pouco mais distante, também a sua frente, Alckmin e Lula chegando de forma humilde, submissa para fazer o tal “pacto”. É interessante sublinhar que a imagem dá a entender que eles estão chegando, estão se aproximando do demônio. Atrás desses dois personagens políticos só há fogo. Ressalta-se que tanto Lula quanto Alckmin estão de joelhos. Contudo, enquanto o Lula está mais próximo e com mãos em forma de oração em frente ao demônio, Alckmin está mais distante e com os braços abertos. Não fica claro na charge quem profere o enunciado: “— Oh, grande Mestre, vim em busca de apoio à minha candidatura para presidente da República”. A ambiguidade em relação ao suposto enunciador, apesar do uso pronome possessivo de primeira pessoa do singular, podendo ser qualquer um, ou os dois ao mesmo tempo, sugere uma possível inscrição dos enunciadores numa mesma formação discursiva.

A materialidade verbo-visual presente nessa charge textualiza o termo mercado como sinônimo de demônio. Na verdade, embora o pacto dado a circular pela charge em termos de estrutura linguística se refira ao mercado, do ponto de vista do acontecimento, é ao demônio que ele faz referência. A retomada discursiva aqui é, por um lado, de discursos que circulam no cotidiano sobre pessoas que para alcançarem seus objetivos realizam pactos com o demônio e, por outro, com alguns discursos que circularam nos mais diversos suportes midiáticos acerca da total submissão ao mercado dos dois principais candidatos das eleições presidenciais de 2006. A charge está dizendo verbo-visualmente (humoristicamente) é que Lula e Alckmin fazem qualquer coisa para chegar à presidência e (seriamente) que tanto Lula quanto Alckmin estão submissos às grandes

corporações do mercado. Todavia, pela posição e disposição das mãos de Lula no texto chárigo em relação ao Mercado/Demônio, este estaria mais submisso do que Alckmin. Portanto, seu discurso em favor dos mais pobres não passaria de engodo. Nesse sentido, o texto chárigo está trazendo em forma de narrativa verbo-visual o que já circula(ra) na sociedade enquanto discurso verbal, principalmente. Em termos discursivos, a charge embora se dê a ler enquanto um discurso não logicamente estabilizado, isto é, polissêmica, passível de interpretação, no caso em análise, se apresenta justamente como um discurso logicamente estabilizado, pois a interpretação sugerida é justamente àquela que circula(ra) em forma de já-dito em outros lugares na mídia. O enunciado chárigo embora constituído de diferentes materialidades, a partir da sobredeterminação de um sentido já-dito, regula a possibilidade de os sentidos serem outros.

Acreditamos, com base na breve análise realizada, que a proposta de Pêcheux no tocante ao acontecimento discursivo é passível de ser deslocada para se pensar o texto chárigo político (humorístico) do contexto brasileiro, mesmo esse texto não se constituindo como um acontecimento discursivo fundamental, tal qual o pensado por Pêcheux em “Discurso: estrutura ou acontecimento”. É preciso, no entanto, antes de concluir a favor da pertinência desse deslocamento, considerar por um lado, as diversas ordens e diferentes temporalidades dos acontecimentos discursivos e, por outro, as diferentes relações que estes mantêm com a memória e o esquecimento e os saberes discursivos que os determinam.

2. SOBRE O ACONTECIMENTO DISCURSIVO EM POSSENTI

Sírio Possenti, em *A Noção de Acontecimento* (2009), com base na definição foucaultiana de acontecimento nos instiga a refletir sobre o fato de que a Análise do Discurso deveria tratar de acontecimentos de diversas ordens e não apenas os acontecimentos fundamentais (a publicação de uma obra, um manifesto, um editorial, um programa de governo, uma proposta de pacto, as eleições presidenciais, as ocupações de prédios públicos pelos movimentos sociais, etc). Para a Análise do Discurso:

pelo menos em suas práticas mais comuns de análise, um acontecimento seria considerado como tal na medida em

que ensejasse a sua retomada ou sua repetição. No entanto, além dos casos como os mencionados, poderíamos considerar como acontecimentos discursivos – e não apenas como reformulações ou novas enunciações do mesmo, isto é, apenas como discursos – por exemplo, o estruturalismo, o feminismo, o nacionalismo etc. Seria mais claramente possível dar conta assim das discursividades e, especialmente, ter claro em que medida certos dispositivos e práticas são regidos pela mesma semântica [cf. Maingueneau 1984] (Possenti, 2009, p. 125).

Em outros termos, o que Possenti propõe é que, ao se analisar um acontecimento discursivo, se levem em consideração não apenas àqueles acontecimentos que se inserem numa determinada série, como propõe a Análise do Discurso de base pecheutiana, ou acontecimentos de longa duração como propõem os historiadores, mas tudo mesmo o que se diz em distintas materialidades acerca de um determinado evento, independentemente da duração de suas temporalidades. Por exemplo,

no caso do acontecimento do feminismo (...) é certo que algum manifesto ou congresso pode ser um grande acontecimento discursivo, em torno do qual se organiza um arquivo (tudo o que se passa a dizer – ou se pode recuperar de datas anteriores – em revistas, jornais, simpósios, livros, entrevistas etc.) Mas há mais: por debaixo deles, ou ao seu lado, surge por exemplo, um discurso do corpo, da beleza da sexualidade, do controle de natalidade, da saúde; e, ainda, da fidelidade, do divórcio, das alternativas sexuais; e, ainda, o das creches, do trabalho feminino, do assédio sexual, [das discussões – religiosas e médicas - sobre a interrupção voluntária da gravidez, eu acrescentaria]. Não esqueçamos de todos os textos novos de humor que todos esses acontecimentos permitem, por sua vez (POSSENTI, 2009, p. 125-6).

Com essa concepção de acontecimento discursivo, Possenti tenta romper, por um lado, com um modo de fazer história que procura em tudo um sentido ou que procura pela reiteração do mesmo sentido e processos de sua produção e, por outro, com a relação discurso-enunciação como evento singular. Não se trata de pensar o novo, enquanto instauração de uma singularidade, mas como afirma Michel Foucault “no acontecimento da sua volta” (2002, p. 26). Ademais,

segundo o autor brasileiro, esta nova maneira de se apreender o acontecimento discursivo também permitiria especificar os elementos que, em um discurso, permanecem e os que escapam de fato aos sujeitos. Em suma, Possenti está refinadamente questionando a necessidade premente de se redesenhar no interior da Teoria do Discurso, por intermédio da discussão sobre a noção de acontecimento, novas possibilidades de se conceber as noções de esquecimento e de memória.

Trata-se de um “redesenhamento” bastante pertinente, visto que, para Pêcheux a questão da memória discursiva está intimamente ligada ao acontecimento discursivo e não às lembranças do sujeito. Tanto é que em *O papel da Memória* (1999) o filósofo francês nos diz: “o processo de inscrição do acontecimento no espaço da memória [...] se dá sob uma dupla forma limite” a) o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever; e b) o acontecimento que é absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido. Embora lembranças e esquecimentos alimentem os discursos dos sujeitos, enquanto interdiscursos, em Pêcheux, não há nenhuma discussão sobre o que o sujeito lembra e/ou o que o sujeito esquece, bem como se essas lembranças e esquecimentos se dão enquanto pré-construídos ou já-ditos⁴.

Em se tratando do nosso *corpus* de análise, em que medida as reflexões de Possenti (2009) sobre o acontecimento discursivo e a sua relação com a memória e o esquecimento, poderiam nos ajudar? Na tentativa de responder a essa questão, mobilizamos a charge abaixo, publicada no jornal a *O Estado de S. Paulo*, na seção que se intitula “O Estado de Graça”, no dia 10 de setembro de 2000.

4 – A distinção elaborada por Marandin acerca das noções de pré-construído e de já-dito, é importante pois autoriza a levantar a hipótese de que a interdiscursividade se dá em diferentes naturezas: “o pré-construído designa uma situação em que o modo de doação do objeto é distinto de sua interpretação. Apreendemos a noção de pré-construído quando a contrapomos com a de já-dito. O pré-construído qualifica a forma da expressão na medida em que restringe a interpretação; o já-dito depende do conteúdo (proposicional ou nocional)” (1993, p. 167).



Na charge de Aroeira, há a caricatura de FHC travestido de príncipe regente com uma espada erguida na mão proferindo o seguinte dizer: “Dependência ao Norte”. Apesar de a charge retomar fonética e iconicamente um dos enunciados constituintes de nossa brasilidade, isto é, o “Independência ou Morte”, supostamente proferido pelo então príncipe regente do Brasil, Dom Pedro I, em 07 de setembro de 1822, às margens do Riacho Ipiranga, as cores da vestimenta de FHC são as cores da bandeira americana. A postura de FHC é a postura de um esgrimista, a expressão facial é de alguém lutando bravamente, esbravejando, mas o que está verbalizado na charge em letras maiúsculas aliado ao fardão com as cores da bandeira americana pode dar a entender que a causa da luta é justamente o desejo de dependência aos EUA.

A noção de acontecimento discursivo proposta por Pêcheux: “o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” dá conta perfeitamente de explicar a constituição dos sentidos da charge em questão, visto que o amálgama das materialidades (visuais e verbais) se constitui num ponto de encontro mesmo de uma memória discursiva.

siva: “O grito do Ipiranga – Independência ou Morte”, enunciado performativo que resultou na independência do Brasil em relação à sua metrópole Portugal e, uma atualidade: uma crítica à dependência do governo de FHC aos Estados Unidos.

Entretanto, se mobilizarmos a primeira charge que analisamos, a noção pecheutiana de acontecimento discursivo não dá conta de explicar, pois o que está sendo lembrado não é da ordem de um acontecimento discursivo fundamental ou um pré-construído como foi o “Grito do Ipiranga – Independência ou Morte” para os brasileiros e sim da ordem de um saber discursivo, um já-dito: discursos que circulam no cotidiano sobre pessoas que para alcançarem seus objetivos realizam pactos com o demônio e que Alckmim e Lula no fundo são a mesma coisa, pois são governados pelo mercado.

Trata-se, na verdade, de saberes que o sujeito mobiliza que circulam no imaginário social brasileiro, historicamente construídos e, não de um acontecimento discursivo fundamental que é retomado. A proposta de Possenti (2009), pelo menos, nas duas charges, brevemente analisadas, seja mais pertinente do que os postulados pecheutianos para dar conta de objetos “menos nobres” e de temporalidades curtas.

Antes de concluir favoravelmente à pertinência desse deslocamento proposto por Possenti (2009) acerca do acontecimento discursivo e das suas relações com a memória e o esquecimento, cremos ser necessário verificar como os especialistas em comunicação visual, sobretudo em humor gráfico, compreendem o seu trabalho.

3. SOBRE A NOÇÃO DE INTERDISCURSIVIDADE CULTURAL

Sobre as relações entre a linguagem e os cartoons, Riani afirma:

não se pode defender que haja um discurso “puro”, originalmente inédito, mas sim uma reelaboração, uma reconstrução, uma combinação de múltiplos discursos/ideias, mesmo que a partir de fragmentos desses. Assim, o que torna coerente e pertinente a proposição dialógica de Bakhtin é principalmente o fato, inegável, de que nenhum discurso nasce do nada (...) poderíamos afirmar que essa talvez seja a especialidade do humorista gráfico: a de

reinterpretar, de modo perspicaz e irreverente, os inúmeros discursos que nos rodeiam, possibilitando, na maioria das vezes, uma leitura mais ampla e verdadeira dos fatos (2002, p. 49).

Ancorada na perspectiva dialógica bakhtiniana, essa afirmação atribui ao humorista gráfico a capacidade de *reinterpretar, de modo perspicaz e irreverente* os acontecimentos históricos que nos constituem cotidianamente, *possibilitando, na maioria das vezes uma leitura mais ampla e verdadeira dos fatos*. No caso do nosso objeto, as charges, seguindo a asserção de Riani, seria o chargista que retoma os acontecimentos históricos e os transforma em acontecimentos discursivos, estes últimos diriam de forma *mais ampla e verdadeira* o que não poderia ser dito em outro gênero, num editorial de jornal, por exemplo. Observamos, contudo, uma charge publicada na Folha de S. Paulo em 12 de maio de 2001.



Numa leitura dialógica, tal qual a proposta por Riani, é possível constatar uma alusão ao período de crise de energia elétrica pelo qual o Brasil passou em 2001, designado pela grande mídia como Apagão. O título APAGÃO está materializado em letras brancas com um fun-

do preto. No suposto cenário, entendemos que as personagens estão em uma conversa ao ar livre, à luz do dia, no gramado do Congresso Nacional.

A charge está dividida em duas imagens, uma colocada sobre a outra e, na primeira, temos FHC caricaturizado apresentando entusiasmado uma placa de energia solar para a jornalista. O chargista caricaturiza FHC, toma de empréstimo a sua voz e diz supostamente à jornalista: “Esta placa capta energia solar” e esta última o questiona, na imagem colocada abaixo: “E esta, presidente?” Ele diz: “Energia Parlamentar”, apontando para uma placa completamente tomada por maços de dinheiro. Pela caricaturização da jornalista, podemos apreender que a expressão facial que esta apresenta na primeira imagem é de satisfação, já na segunda imagem a expressão é de susto, de descontentamento. Nesse momento, a jornalista está sendo vista na posição de qualquer brasileiro e, não exatamente, no papel de jornalista. Assim, a expressão de decepção ajuda a fazer uma crítica aos parlamentares brasileiros pelo seu caráter facilmente subornável. Essa crítica se constitui na retomada dos discursos que circulam na sociedade brasileira. Teríamos nessa charge do ponto de vista de Riani (uma dupla (re)interpretação de acontecimentos históricos. No primeiro caso, a retomada aos discursos que dizem o Apagão e no segundo, a retomada dos discursos que dizem o caráter corruptível dos parlamentares brasileiros.

Essa charge é também determinada por outro tipo de relação interdiscursiva, que não apenas aquela que possibilita *reinterpretar, de modo perspicaz e irreverente, os inúmeros discursos que nos rodeiam* e/ou os acontecimentos históricos. Trata-se da retomada de uma interdiscursividade cultural. A charge está não apenas determinada pelos dois acontecimentos históricos que ressignifica, mas, sobretudo, por um imaginário social que torna sempre já em derrisão os políticos brasileiros.

Ela está dando a ler o apagão e o caráter corruptível dos políticos brasileiros numa materialidade distinta do editorial de jornal, por exemplo, e um dos traços da cultura brasileira, sobretudo no tocante ao humor. Estamos asseverando que faz parte da cultura brasileira, enquanto um traço que a distingue das demais, tornar em derrisão o outro em textos humorísticos. Desse modo, independentemente dos conteúdos que o texto humorístico veicule, este vem

sempre sobredeterminado por essa marca cultural: tornar o outro em derrisão.

Se nossa hipótese de leitura estiver certa, isto é, se a interdiscursividade cultural sobredetermina os sentidos da charge, sobretudo as que dão a ler os atores políticos, ela deverá dar conta também das veiculadas em jornais de outros países.

Para tanto, tomamos inicialmente uma charge veiculada em 2005 no jornal boliviano *La Razon*. Trata-se de uma charge com temática política semelhante à que analisamos.



Ela apresenta, de um lado, um suposto político boliviano num programa televisivo falando sobre seu trabalho no parlamento: “En el Parlamento estamos trabajando arduamente para resolver los problemas”; de outro, uma mulher boliviana, supostamente uma indígena, por conta mesmo de suas vestimentas, dizendo a uma criança, provavelmente seu filho: “... Para cómo seguir mamando del Estado”. Mulher e filho estão em pé observando a cena. Não é possível assegurar o local onde se encontram, mas podemos inferir que se trata de uma loja de eletrodomésticos, pois há mais de um aparelho de televisão apresentando o mesmo político discursando.

Essa charge, diferentemente das veiculadas em jornais brasileiros e analisadas, não se apresenta a partir de uma dupla perspectiva enunciativa: X disse Y (humoristicamente), porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (seriamente) Z. A charge em

questão apresenta X dizendo Z porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva Z, ou seja, que os políticos bolivianos são corruptos. A charge boliviana não esconde uma significação figurada para além de um enunciado literal. Ela veicula um sentido literal. Acreditamos que essa forma de dizer da charge boliviana tenha a ver justamente com a maneira de os bolivianos se colocarem diante do mundo. Foge, entretanto, do escopo deste trabalho, uma vez que implicaria uma visada antropológica e histórica, discutir as razões pelas quais os bolivianos seriam mais diretos do que os brasileiros.

Tomemos agora outro texto, uma charge publicada no jornal espanhol *El País* em julho de 2009, que veicula uma temática política.



Nessa charge, temos, de um lado, um suposto investigador que diz: “Cuando investigamos a los terroristas nos acusan de torturas... Cuando investigamos a políticos nos acusan de filtraciones”; de outro, um suposto político, que replica a fala da primeira personagem dizendo: “Un respeto. Nosostros no somos políticos. Somos estadis-

tas!”. De outro lado, ainda, uma voz anônima, vinda das costas do político, afirma sarcasticamente: “Con viento fresco del levante”. As imagens apresentadas na charge são apenas a do possível investigador e do político. Não aparece ninguém dizendo o último enunciado. Apresenta-se apenas o balão da conversa, tal qual nas histórias em quadrinhos.

Diferente das charges brasileiras e boliviana analisadas, a charge do jornal espanhol traz uma terceira perspectiva enunciativa: a primeira é a voz do policial; a segunda, do político e, a terceira, possivelmente a de um sujeito universal. Assim, teríamos X disse Y e não-Y (humoristicamente em forma de réplica) porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (autossarcasticamente) Z. Essa última traz para a enunciação um enunciado que faz parte do imaginário social espanhol. Cremos que essa forma de dizer materialize o auto-sarcasmo espanhol⁵ frente às coisas do mundo.

Analisando as charges dos três países, Brasil, Bolívia e Espanha, teríamos as seguintes perspectivas discursivas:

- a) Charge brasileira: “X prefere dizer Y (humoristicamente) porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (seriamente) Z”;
- b) Charge boliviana: “X diz (seriamente) Z porque pensa partir de uma determinada formação discursiva (seriamente) Z”;
- c) Charge espanhola: “X diz (humoristicamente) Y e (também humoristicamente – em forma de réplica) diz não-Y porque pensa partir de uma determinada formação discursiva (autossarcasticamente) Z.

PROVISÓRIAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

As hipóteses levantadas sobre as marcas culturais ou da interdiscursividade cultural na sobredeterminação dos sentidos dos textos chárgicos, embora pertinentes, necessitam ainda de uma maior

5 – Claude Chabrol (2008) em seu trabalho sobre os atos humorísticos, ao defender que estes são bastante sensíveis às variações culturais, cita o trabalho franco-espanhol realizado sob a direção de Patrick Charaudeau e de José Bastos entre 2000 e 2004, que analisou os mais variados gêneros e subgêneros humorísticos veiculados pelas mídias espanhola e francesa, concluindo por um contraste bastante grande entre os dois corpora mobilizados.

discussão, sobretudo no tocante às charges boliviana e espanhola. Sem uma pesquisa mais aprofundada a partir de uma ampliação do corpus mobilizado, contrapondo-o com outros acontecimentos discursivos humorísticos, seria pouco prudente de nossa parte afirmar uma espécie de generalização culturalizante das charges: brasilianismo nas charges brasileiras; bolivianismo nas charges bolivianas e hispanismo nas charges espanholas. Entretanto, tal análise aprofundada com charges de diferentes países foge do escopo da nossa proposta neste artigo, fica aqui o apontamento para um trabalho futuro. A relevância desse apontamento está justamente no fato de que ao se estudar as charges se dê importância não apenas ao estudo dos efeitos visados, como a grande maioria dos trabalhos que a mobilizam como objeto tem feito, mas principalmente dos efeitos produzidos e da possibilidade de se redesenhar categorias analíticas da Teoria do Discurso.

No caso das charges brasileiras analisadas, a interdiscursividade cultural – a derrisão do outro (político) presente no imaginário social brasileiro, historicamente construído – possui um peso decisivo na sobredeterminação dos acontecimentos discursivos dados a ler. A marca cultural tem grande força na transformação dos atores políticos em alvo de comentários e questionamentos humorísticos, misturando as esferas pública e privada, constituindo-se em mais um dos dispositivos que regem os múltiplos planos do discurso, isto é, a sua semântica global⁶. Trata-se na verdade de uma espécie de pré-discursivo sobredeterminando o discursivo. Ademais, do ponto de vista da Teoria do Discurso, é possível postular que os exemplos arrolados nos mostram que, ao se pensar as relações mantidas entre o aconteci-

6 – O caráter global desta semântica se manifesta pelo fato de ela restringir simultaneamente o conjunto dos planos discursivos: tanto o vocabulário quanto os temas tratados, intertextualidade ou as instâncias de enunciação. Trata-se, com isso, de libertar-nos de uma problemática do signo, ou mesmo da sentença, para apreender o dinamismo da significância que domina toda a discursividade: o enunciado, mas também a enunciação, e mesmo além dela, como se verá. Recusamos a idéia de que há, no interior do funcionamento discursivo, um lugar onde sua especificidade se condensaria de maneira exclusiva ou mesmo privilegiada (as palavras, as frases, os arranjos argumentativos, etc). O que leva a recolocar o princípio de sua disseminação sobre os múltiplos planos do discurso. Não há mais, então, lugar para uma oposição entre superfície e profundidade, que reservaria apenas para a profundidade o domínio de validade das restrições semânticas (MAINGUENEAU, 2005, p. 22-3).

mento e a memória e entre o acontecimento e o esquecimento, deve-se levar em consideração não só os saberes discursivos dos sujeitos – o que sujeito lembra e o que ele esquece – mas também outros tipos de saberes tais como a interdiscursividade cultural.

REFERÊNCIAS

CHABROL, C. Humor e mídia: definições, gênero e cultura. In: LARA, G.M.P.; MACHADO, I.L.; EMEDIATO, W. (Org.). *Análises do discurso hoje*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2002.

GUILHAUMOU, J. *Linguística e história: percursos analíticos de acontecimentos discursivos*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

MALDIDIÉ, D. *A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

MARANDIN, J-M. *Syntaxe, discours du point de vue de l'analyse du discours. Histoire et Epistémologie Langage*, 1993.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. e HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP.: Ed. Unicamp, 1997.

_____. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. 2 ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas, SP.: Pontes, 1999.

POSSENTI, S. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.

RIANI, C. *Linguagem & cartum... tá rindo do quê? Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba*. Piracicaba: Unimep, 2002.

ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo das charges da Folha de S. Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

Recebido em 30/08/2009

Aprovado em 06/10/2009